XXXIV DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A) – NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO

Ez 34, 11-12. 15-17; *Sl* 22; *1 Cor* 15, 20-26. 28; *Mt* 25,31-46

COMENTÁRIO

Servir e anunciar Cristo Rei

O último Domingo do ano litúrgico é dedicado à Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, como desejado pelo Papa Pio XI, no Ano Santo de 1925 (com a encíclica *Quas Primas,* de 11 de Dezembro do mesmo ano), que explicou as razões para tal: «para que os frutos desejados sejam mais abundantes e durem mais firmemente na sociedade humana, é necessário que o conhecimento da dignidade real de Nosso Senhor seja divulgado o mais possível». Esta solenidade foi depois confirmada pelo Papa Paulo VI no novo *Missal Romano* e valorizada depois pelo Papa Francisco que, em 2021, escolheu este Domingo para a celebração anual da Jornada Mundial da Juventude, em todas as dioceses do mundo.

Numa atmosfera tão festiva, o Evangelho de hoje convida-nos a reflectir sobre a chamada "parábola do juízo universal", onde Cristo é descrito, em linguagem parabólica, como o Filho do Homem que virá em glória no fim dos tempos e, sentado no trono como Rei, julgará «todas as nações».

1. Um claro apelo à misericórdia activa que é necessária para a salvação do homem

A nossa parábola representa o último grande e importante ensinamento de Jesus sobre a misericórdia no Evangelho de Mateus, mesmo que a palavra misericórdia não apareça na passagem. Esta ausência, de facto, para dizê-lo com o conceituado biblista J. Dupont, «não deve induzir-nos em erro», porque aqui estão enumeradas as «obras que caracterizam aquilo a que os rabinos chamam a *gemilut hasadim*, a prática da misericórdia». É precisamente desta misericórdia activa, praticada através das seis acções concretas mencionadas na parábola, que depende o destino do indivíduo, algo que se enquadra no pensamento já proclamado pelo Jesus do evangelista Mateus na bem-aventurança sobre os misericordiosos: «Felizes os misericordiosos, porque para eles alcançarão misericórdia» (*Mt* 5, 7).

É de sublinhar o contexto particular da parábola em questão, que reforça a importância do ensinamento que aí se encontra: é a conclusão do discurso escatológico, bem como de todo o *corpus* dos ensinamentos e acções de Jesus durante a Sua actividade pública. A importância desta conclusão é também sublinhada pelo tom majestoso do início da narrativa, que proclama: «Quando o Filho do homem vier na Sua glória com todos os Seus Anjos, sentar-Se-á no Seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão na Sua presença...» (cf. *Mt* 25, 31-32a).

2. Não só uma mensagem ética, mas também e sobretudo cristológica e cristocêntrica!

No entanto, seria errado determo-nos na dimensão da misericórdia em detrimento da dimensão cristológica que emerge também fortemente. Com efeito, na perícope, o Filho do Homem identifica-Se com cada um destes «mais pequeninos» (cf. *Mt* 23, 40.45), que se encontram na miséria e, por isso, necessitados de ajuda. Aqui, para aprofundar o assunto, convém assinalar o problema exegético, ainda debatido, sobre a identidade dos «*Meus* irmãos mais pequeninos». Trata-se dos necessitados em geral ou dos cristãos em situações de infortúnio? Na nossa opinião, uma coisa não exclui necessariamente a outra. Seja qual for a solução, o pensamento cristológico do relato é sempre claro: o Filho do Homem identifica-Se com os desgraçados e infelizes. Acrescente-se que esta identificação talvez se tenha desenvolvido não tanto com base nos apelos morais de Jesus, mas pelo facto de Ele

próprio ter passado por infortúnios semelhantes durante a Sua vida, especialmente no momento da cruz.

Além disso, o ponto central da parábola parece-nos ser não tanto o juízo final sobre a realização ou não das obras de misericórdia, mas a revelação surpreendente do verdadeiro significado cristológico de cada obra realizada ou não realizada. É precisamente este elemento, que surpreende e perturba os ouvintes, que mais reflecte o estilo parabólico de Jesus e representa o verdadeiro centro de gravidade da parábola, onde se pretende transmitir a mensagem original. Nesta perspectiva, a misericórdia para a salvação revela-se essencialmente cristocêntrica e não teocêntrica: «Quantas vezes o fizestes (deixastes de fazer) a um dos Meus irmãos mais pequeninos, a *Mim* o fizestes (a *Mim* o deixastes de fazer» (cf. *Mt* 25, 40.45). Jesus ensina a misericórdia referindo-Se a Si mesmo! Esta é a novidade trazida por *Mt* em relação ao pensamento bem conhecido na tradição bíblico-judaica sobre a expectativa da misericórdia divina no Juízo Final, também presente no NT. (A perspectiva cristocêntrica e/ou cristológica da misericórdia concedida ou negada só se encontra noutros dois lugares – na *Carta de Judas* versículo 21 que fala explicitamente da espera da "misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo" para a vida eterna no fim, e em *2 Tm* 1, 16-18 que invoca a misericórdia do Senhor ressuscitado para o presente e para "aquele dia" do juízo).

Aqui temos realmente o ponto culminante de todo o Seu ensinamento sobre o assunto, onde se observa uma troca interessante: o Jesus misericordioso, que até agora foi o *sujeito* da misericórdia divina, ou seja, aquele que a dispensa aos necessitados, torna-Se agora o *objecto* da misericórdia humana. Ao exortar à misericórdia, Jesus já não se centra em razões antropológicas ou teológicas (feitas para Deus, por gratidão a Ele e a Seu exemplo), mas na Sua própria pessoa, como se quisesse recomendar agora: fazei isto, pensando em Mim ou, para usar a expressão querida a Jesus, em memória de Mim!

3. As obras de misericórdia a recordar e a realizar para servir Cristo Rei

As acções mencionadas na parábola estão incorporadas na lista das sete obras de misericórdia corporal do nosso *Catecismo da Igreja Católica*. O Papa Francisco dedicou-lhes uma série de catequeses, referindo-se inicialmente à nossa passagem evangélica de hoje:

> Por conseguinte, como podemos ser testemunhas de misericórdia? Não pensemos que se trata de realizar grandes esforços nem gestos sobre-humanos. Não, não é assim. O Senhor indica-nos um caminho muito simples, feito de pequenos gestos que, contudo, aos Seus olhos têm um grande valor, a tal ponto que nos disse que com base neles seremos julgados. De facto, uma das páginas mais bonitas do Evangelho de Mateus oferece-nos o ensinamento que poderíamos considerar, de qualquer maneira, como «o testamento de Jesus» por parte do evangelista, que experimentou diretamente sobre si a ação da Misericórdia. Jesus diz que todas as vezes que damos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede, que vestimos uma pessoa nua e acolhemos um estrangeiro, que visitamos um doente ou um preso, é a Ele que o fazemos (cf. *Mt* 25, 31-46). A Igreja definiu estes gestos «*obras de misericórdia corporal*», porque socorrem as pessoas nas suas necessidades materiais.
> (*Audiência Geral, Quarta-feira, 12 de Outubro de 2016*)

Por conseguinte, será essencial refrescar a nossa memória com esta lista:
1ª Dar de comer a quem tem fome;
2ª Dar de beber a quem tem sede;
3ª Vestir os nus;
4ª Dar pousada aos peregrinos;
5ª Visitar os presos;
6ª Visitar os enfermos

7ª Enterrar os mortos.

É sempre necessário recordar bem cada uma das obras a praticar (também para não confundir as duas últimas, como alguém que em vez de dizer "visitar os doentes e enterrar os mortos" diz "visitar os mortos e enterrar os doentes"!). À luz da parábola analisada, estes actos de misericórdia que cada um de nós pratica não são apenas expressões de ética ou de moral, mas manifestações da nossa fé e do nosso amor pelo próprio Cristo nos necessitados. Assim, o nosso serviço às pessoas necessitadas será também uma proclamação eloquente de que Cristo está presente nelas e, ao mesmo tempo, reina também em nós.
Concluamos então com a exortação do Papa Francisco:

> Estas obras de misericórdia são os traços do Rosto de Jesus Cristo que cuida dos Seus irmãos mais débeis para levar a cada um a ternura e a proximidade de Deus. Que o Espírito Santo nos ajude, que o Espírito Santo acenda em nós o desejo de viver este estilo de vida: pelo menos de fazer uma por dia, pelo menos! Memorizemos de novo as obras de misericórdia corporais e espirituais e peçamos ao Senhor que nos ajude a pô-las em prática diariamente e no momento em que vemos Jesus numa pessoa carente. (*Audiência Geral, Quarta-feira, 12 de Outubro de 2016*)

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, Carta Apostólica no 1.700° aniversário do Concílio de Nicéia*, In Unitate Fidei*

[…] É precisamente em virtude da sua encarnação que encontramos o Senhor nos nossos irmãos e irmãs necessitados: «sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (*Mt* 25, 40). Assim sendo, o Credo Niceno não nos fala de um Deus distante, inatingível, imóvel, que repousa em si mesmo, mas de um Deus que está perto de nós, que nos acompanha no nosso caminho pelas estradas do mundo e nos lugares mais obscuros da terra. A sua imensidão manifesta-se quando se faz pequeno e despoja-se da sua majestade infinita, tornando-se nosso próximo nos pequenos e nos pobres. Esta realidade revoluciona as concepções pagãs e filosóficas de Deus. […]
[…] Se Deus nos ama com todo o seu ser, então também nós devemos amar-nos uns aos outros. Não podemos amar a Deus, que não vemos, sem amar também o irmão e a irmã que vemos (cf. *1 Jo* 4, 20). O amor a Deus sem o amor ao próximo é hipocrisia; o amor radical ao próximo, sobretudo o amor aos inimigos, sem o amor a Deus, é um heroísmo que nos oprime e esmaga. No seguimento de Jesus, a ascensão a Deus passa pelo abaixamento e pela dedicação aos irmãos e irmãs, sobretudo aos últimos, aos mais pobres, abandonados e marginalizados. O que fizemos ao menor destes, fizemos a Cristo (cf. *Mt* 25, 31-46). Perante as catástrofes, as guerras e a miséria, só podemos testemunhar a misericórdia de Deus às pessoas que duvidam d'Ele, quando elas experimentam a sua misericórdia através de nós. […]

PAPA LEÃO XIV, Exortação Apostólica sobre o amor para com os pobres, *Dilexi Te*
[…]
Nenhuma expressão de carinho, nem mesmo a menor delas, será esquecida, especialmente se dirigida a quem se encontra na dor, sozinho, necessitado, como estava o Senhor naquela hora.
5. É precisamente nesta perspectiva que o afeto pelo Senhor se une ao afeto pelos pobres. Aquele Jesus que diz «Pobres, sempre os tereis convosco» (*Mt* 26, 11), expressa igual sentido quando promete aos discípulos: «Sabei que Eu estarei sempre convosco» (*Mt* 28, 20). Ao mesmo tempo, vêm-nos à mente aquelas palavras do Senhor: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (*Mt* 25, 40). Não estamos no horizonte da beneficência, mas no da Revelação: o contato com quem não tem poder nem grandeza é um modo fundamental de encontro com o Senhor da história. Nos pobres, Ele ainda tem algo a dizer-nos.
[…]
26. É inegável que o primado de Deus no ensinamento de Jesus é acompanhado por outro princípio fundamental, segundo o qual não se pode amar a Deus sem estender o próprio amor aos pobres. O amor ao próximo é a prova tangível da autenticidade do amor a Deus, como atesta o Apóstolo João: «A Deus nunca

ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. […] Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (*1 Jo* 4, 12.16). São dois amores distintos, mas inseparáveis. Mesmo nos casos em que a relação com Deus não é explícita, o próprio Senhor nos ensina que qualquer ação de amor pelo próximo é, em algum modo, um reflexo da caridade divina: «Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes» (*Mt* 25, 40).
[…]
28. O apelo do Senhor à misericórdia para com os pobres encontrou a sua máxima expressão na grande parábola do juízo final (cf. *Mt* 25, 31-46), que é também uma representação gráfica da bem-aventurança dos misericordiosos. Ali, o Senhor ofereceu-nos a chave para alcançar a nossa plenitude, porque «se andamos à procura da santidade que agrada a Deus, neste texto encontramos precisamente uma regra de comportamento com base na qual seremos julgados». As palavras fortes e claras do Evangelho devem ser vividas «sem comentários, especulações e desculpas que lhes tirem força. O Senhor deixou-nos bem claro que a santidade não se pode compreender nem viver prescindindo destas suas exigências».

PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral,* Praça de São Pedro, Quarta-feira, 12 de Outubro de 2016

Por outro lado, a Igreja, fiel ao seu Senhor, nutre um amor preferencial pelos mais débeis. Frequentemente, são as pessoas mais próximas de nós que precisam da nossa ajuda. Não devemos ir em busca de sabe-se lá quais feitos a realizar. É melhor iniciar pelas mais simples, que o Senhor nos indica como as mais urgentes. Infelizmente num mundo atingido pelo vírus da indiferença, as obras de misericórdia são o melhor antídoto. De facto, orientam a nossa atenção para as exigências mais elementares dos nossos «irmãos mais necessitados» (*Mt* 25, 40), nos quais Jesus está presente. Jesus está sempre presente neles. Onde houver uma necessidade, uma pessoa carente, quer material quer espiritualmente, Jesus está ali. Reconhecer o Seu rosto no de quem é carente é um verdadeiro desafio contra a indiferença. Permite que estejamos sempre vigilantes, evitando que Cristo passe ao nosso lado sem que o reconheçamos. Vem à mente a frase de Santo Agostinho: «*Timeo Iesum transeuntem*» (*Serm*., 88, 14, 13), «Temo que o Senhor passe» e eu não o reconheça, que o Senhor passe ao meu lado numa dessas pessoas simples, necessitadas e eu não me dê conta de que é Jesus. Tenho medo de que o Senhor passe e não O reconheça! Perguntei-me por que Santo Agostinho disse que *temia* a passagem de Jesus. Infelizmente, a resposta está nos nossos comportamentos: porque com frequência estamos distraídos, somos indiferentes, e quando o Senhor passa ao nosso lado nós perdemos a ocasião do encontro com Ele.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

2447 As *obras de misericórdia* são as acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem tecto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos (205). Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus: «Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo» *(Lc* 3, 11). «Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo» *(Lc* 11, 41). «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: "Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome", mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?» (*Tg* 2, 15-16).

2448 «Sob as suas múltiplas formas, indigência material, opressão injusta, doenças físicas e psíquicas, e finalmente a morte, a *miséria humana* é o sinal manifesto da condição congénita de fraqueza em que o homem se encontra desde o primeiro pecado e da necessidade que tem de salvação. Foi por isso que ela atraiu a compaixão de Cristo Salvador, que quis tomá-la sobre Si e identificar-Se com os „mais pequenos de entre os seus irmãos" *(Mt* 25, 40-45). É por isso, os que se sentem acabrunhados por ela são objecto de *um amor preferencial* por parte da Igreja que, desde o princípio, apesar das falhas de muitos dos seus membros, nunca deixou de trabalhar por aliviá-los, defendê-los e libertá-los; fê-lo através de inúmeras obras de beneficência, que continuam indispensáveis, sempre e em toda a parte».